

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JULIANA GARSKE ALVES

**SER PROFESSORA-MÃE MODIFICA A COMPREENSÃO DOS PROCESSOS DE  
ADAPTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL?**

Porto Alegre

2016/1

Juliana Garske Alves

**SER PROFESSORA-MÃE MODIFICA A COMPREENSÃO DOS PROCESSOS DE  
ADAPTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL?**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra dos Santos Andrade.**

Porto Alegre  
1 SEMESTRE  
2016

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, a professora Dra. Sandra Andrade, pela competência, pelo apoio e por não ter descreditado do meu potencial, quando eu mais precisei. Obrigada pelas contribuições, pela paciência, pela escuta e carinho com que conduziu minhas orientações. Foste uma “mãezona” para mim!

Aos professores e colegas da FACED, pelos quatro anos juntos, em que compartilhamos risos e lágrimas e juntos trilhamos mais uma etapa importante de nossas vidas.

Às minhas colegas, profissionais entrevistadas, pela disponibilidade e contribuição para a realização deste estudo.

À minha amiga irmã, Lisiane Aguirre, presente que a Pedagogia me deu. Companhia que fez a diferença nas manhãs da FACED. Foste peça essencial para que eu chegasse até aqui. Contigo dividi não só noites em claro e e-mails acadêmicos, dividimos muitos desabafos e reviravoltas que a vida nos deu. Obrigada por tudo!

Agradeço aos meus pais, por terem acreditado em mim sempre. Meus alicerces, sem vocês não teria chegado aonde cheguei. Meu pai Paulo, por todo amor, compreensão e lanches nas madrugadas em claro digitando. Minha mãe Maria Antonia, de quem a saudade transborda e por quem esta etapa está sendo concluída. Amo vocês!

À minha irmã Adriane, pelo companheirismo e apoio durante mais esta caminhada.

Ao meu marido Victor Matheus, pelas incessantes noites em claro ao meu lado, por me motivar, me fazer seguir em frente, e me mostrar que seria possível finalizar mais esta etapa, por compreender e me apoiar incansavelmente. Obrigada!

## RESUMO

Este trabalho tem como tema principal de pesquisa, as “professoras-mães e a adaptação na Educação Infantil”. A questão central pergunta: Ser professora-mãe modifica ou interfere na compreensão e na relação com os processos de adaptação das crianças na Educação Infantil? O objetivo principal desta pesquisa é verificar o que as professoras-mães dizem sobre os processos de adaptação de seus filhos para, a partir disso, concluir se o fato de ser mãe implica nos modos de ser professora diante dos processos de adaptação de seus alunos. Para responder ao problema de pesquisa, o material empírico foi produzido a partir de entrevistas narrativas com 4 professoras-mães, e de observações do processo de adaptação de alunos de uma turma de nível 1, com alunos de 3 a 4 anos, em uma escola particular de Porto Alegre. As análises mostraram que ser professora-mãe interfere na compreensão e na relação com os processos de adaptação das crianças na Educação Infantil. Pude concluir que a experiência de ser mãe produz novas experiências de professora. Ser professora-mãe, de acordo com as entrevistadas, aguça a compreensão, modifica a sensibilidade, traz mais segurança e favorece um melhor entendimento deste processo tão doloroso para algumas famílias.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Professoras-mães; Adaptação escolar; Entrevista narrativa.

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2.</b>	<b>DESCOBRINDO-ME ENQUANTO PESQUISADORA.....</b>	<b>8</b>
<b>3.</b>	<b>O REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO</b> <b>.....ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.</b>	
<b>4.</b>	<b>AS EXPERIÊNCIAS DE MÃES E PROFESSORAS DIANTE DA ADAPTAÇÃO .....</b>	<b>14</b>
4.1	“CONTE-ME SOBRE A ADAPTAÇÃO DE SEU(S) FILHO(S) NA ESCOLA?” .....	15
4.2	“VOCÊ JÁ ERA PROFESSORA NESTA ÉPOCA? E COMO COMPREENDIA/LIDAVA COM O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DE SEUS ALUNOS?” .....	20
4.3	“SER PROFESSORA AJUDOU NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DE SEUS FILHOS OU NÃO FEZ DIFERENÇA?” .....	22
4.4	“O QUE VOCÊ CONSIDERA FUNDAMENTAL PARA QUE ESTE PROCESSO SEJA O MAIS TRANQUILO POSSÍVEL?” .....	26
<b>5.</b>	<b>ENTENDENDO O “SER” PROFESSORA-MÃE.....</b>	<b>29</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>
	<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>33</b>
	<b>APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....</b>	<b>34</b>

## 1. APRESENTAÇÃO

O processo de adaptação na Educação Infantil envolve muito mais do que só a criança: as famílias e as professoras também estão abarcadas neste momento tão delicado. Quando pensamos neste processo, é mais habitual vermos as mães participando do processo de adaptação dos seus filhos. E quando as professoras também são mães? Pode haver mudança no modo de realizar este processo com seus alunos?

Assim, este trabalho tem como tema principal de pesquisa, as professoras-mães<sup>1</sup> e a adaptação na Educação Infantil. Partindo de um questionamento inicial: ser uma professora-mãe interfere, de alguma forma, na compreensão dos processos de adaptação das crianças na Educação Infantil?

Partindo das minhas vivências em sala de aula, como auxiliar de professora, trabalhando há pouco mais de quatro anos com educação infantil, pude presenciar diversos processos de adaptação. Então, passei a notar como e o quanto às famílias são importantes nos resultados desta etapa em parceria com as professoras. Portanto, partindo de alguns questionamentos que foram surgindo ao longo destes quatro anos, sobre a adaptação na escola, elegi as professoras-mães, que acompanham o processo de adaptação dos filhos e que fazem/fizeram a adaptação de seus alunos, como sujeitos da minha pesquisa. Isso, a fim de compreender como as relações de professora e mãe, de forma entrelaçada, modificam ou alteram este processo.

Meu objetivo principal é verificar o que as professoras-mães dizem sobre os processos de adaptação de seus filhos para, a partir disso, inferir se o fato de ser mãe implica/implicou nos modos de ser professora que organiza e vivencia os processos de adaptação de seus alunos. Buscando, a partir das narrativas, entender até que ponto, as experiências vividas como professora, podem auxiliá-las como

---

<sup>1</sup> Não coloco em questão a pertinente discussão que permeou muitos debates e pesquisas na educação infantil, que busca desvincular o trabalho pedagógico realizado com crianças pequenas da noção de cuidado, geralmente atrelada a ideia de maternidade e focada no feminino. O que busco, ao cunhar a expressão professoras-mães, é refletir sobre o quanto o saber da experiência atrela-se a outros saberes e constitui modos de fazer, isso, em qualquer campo do conhecimento.

mãe e, problematizar se ser professora-mãe, modificou ou não, os modos de fazer adaptação.

Através de entrevistas narrativas com professoras-mães, e de observações do processo de adaptação, de alunos de 3 a 4 anos, em uma turma de uma escola particular de Porto Alegre, que me ajudaram a compor a minha reflexão sobre as narrativas, e eu pude produzir o material empírico para responder, em alguma medida, a questão de pesquisa.

Elaborei um roteiro de entrevista semiestruturada e, a partir dele, conversei com quatro professoras-mães, que trabalham na mesma instituição que eu. Também, elaborei um diário de campo, com observações do processo de adaptação do início do ano letivo de 2016, na escola e turma em que trabalho, entretanto, os elementos da observação não são parte central do meu empírico e, sim, contribuíram para compor minhas análises.

Sabedoras das dificuldades para encontrar material teórico-metodológico para embasar meu estudo, que abordasse o tema professoras-mães, optamos (eu e minha orientadora) por pesquisar textos e autores que falassem sobre adaptação escolar e adaptação na educação infantil. Dentre os autores encontrados, destaco, como centrais, Telma Vitória e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (1993), que tratam dos processos de adaptação de crianças pequenas à creche, Balaban (1998), que trata sobre o início da vida escolar, os comportamentos e a presença dos pais (aqui compreendidos como família) durante o processo e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), documento disponibilizado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). Cada profissional de educação infantil, tem direito a um exemplar. Está dividido em 3 volumes.

O volume 1 faz a introdução aos volumes, apresenta as reflexões sobre as pré-escolas e creches do nosso país, fundamentando as compreensões de educação, de instituição, de criança e de profissional que se deseja. O volume 2, trabalha a Formação Pessoal e Social, e os processos de construção da Identidade e Autonomia das crianças. E o volume 3 o Conhecimento de Mundo, que orienta a construção das diferentes linguagens em cima dos eixos que devem ser desenvolvidos nesta área.

O trabalho está dividido em três partes. Inicialmente, destaco a relevância das entrevistas narrativas em minha pesquisa, em detrimento as entrevistas tradicionais, os motivos por ter escolhido este tipo de ferramenta de pesquisa para produzir os

dados para a construção meu material empírico e os autores encontrados para orientar esta metodologia. Em um segundo momento, apresento as professoras entrevistadas e, em seguida, faço a análise das entrevistas realizadas, com subcapítulos que problematizam as respostas a entrevista. E, nas minhas considerações finais, retomo as análises do meu material empírico, revendo a pergunta que foi ponto de partida na minha pesquisa, aponto alguns assuntos que não puderam ser desenvolvidos em função do tempo, mas que considero importantes para continuar pesquisando.



## 2. DESCOBRINDO-ME ENQUANTO PESQUISADORA

Meu objetivo inicial era observar a adaptação das crianças na educação infantil e entrevistar as famílias de alguns dos meus alunos, para compreender a participação dos mesmos no processo de adaptação dos filhos à escola. Havia selecionado quatro crianças de 3 a 4 anos, de uma escola particular de Porto Alegre. A escola e a turma onde seriam feitas as observações, foram escolhidas por ser meu local de trabalho e por eu ter presenciado o período de adaptação.

Por eu ser funcionária da escola, me senti na obrigação de comunicar à coordenação sobre a entrevista que pretendia realizar com as famílias de meus alunos para avançar os estudos do meu trabalho de conclusão de curso. Mas, a escola achou melhor que eu não entrevistasse as famílias, por motivos de ética da instituição. Autorizaram-me apenas a entrevistar algumas colegas, que são mães de alunos na educação infantil. Assim, conversei com minha orientadora e de imediato mudamos o foco do nosso trabalho.

Trabalharíamos com “professoras-mães”. Deste modo, fiz as entrevistas narrativas com estas colegas professoras-mães, pois, seguindo o pensamento de Muylaert (2014), “a narrativa é uma forma artesanal de comunicar, sem a intenção de transmitir informações, mas conteúdos a partir dos quais as experiências possam ser transmitidas.”. Conversei com estas colegas, expus os objetivos do meu trabalho, explicando a importância da participação delas, fiz o convite e todas concordaram em compartilhar suas experiências, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A).

Assim sendo, com a reescrita do problema de pesquisa, este passou a ser: *Ser professora-mãe modifica ou interfere na compreensão e na relação com os processos de adaptação das crianças na Educação Infantil?* A partir da questão central surgiram alguns desdobramentos: Como as professoras-mães narram os processos de adaptação de seus filhos na escola? É diferente da forma que narram a adaptação de seus alunos? Elas estabelecem relação entre esta experiência com a experiência de professora que também faz adaptação de seus alunos?

Então, o momento seguinte foi dedicado a elaborar o roteiro do meu instrumento da coleta de dados: as entrevistas narrativas com as professoras-mães

(ANEXO B). Conversei com quatro colegas, mães de alunos da instituição, em horários marcados após o expediente, e em uma sala de aula vazia da escola. A seguir vou apresentá-las de forma breve: Vanessa dos Santos<sup>2</sup>, 27 anos, professora de uma turma de turno integral, e mãe de duas meninas, uma está no 2º ano e a outra no 5º do Ensino Fundamental. Amanda Ramos, 31 anos, já atuou como professora em escolas de educação infantil, hoje é auxiliar de professora de uma turma de nível 2 (4 a 5 anos), mãe de um menino que estuda no nível 3 (5 a 6 anos). Graziela de Souza, 39 anos, auxiliar de professora de uma turma de nível 3, mãe de um menino aluno do nível 3. E, Ana Cássia Garcia, 27 anos, já trabalhou na parte pedagógica de uma escola de educação infantil, hoje atua como auxiliar de professora, mãe de uma menina aluna do nível 3.

Optei por utilizar a entrevista narrativa, pois é um tipo de ferramenta para obter dados de pesquisa com algumas características diferentes da entrevista convencional ou do questionário, em que as perguntas, geralmente, são mais diretas e fechadas, havendo pouco espaço para a entrevistada falar de si, narrar-se. A entrevista narrativa busca, ao contrário, deixar falar, dar voz à entrevistada sem preocupação com um roteiro sistêmico de entrevista, neste caso o roteiro é apenas orientador da entrevistadora. Na entrevista narrativa, a entrevistada tem a possibilidade de retomar a experiência vivida, recontá-la e ressignificá-la neste novo contexto de suas vidas. Nesta proposta metodológica, também é muito importante a função da entrevistadora que precisa:

[...] apresentar com clareza as perguntas, reperguntar, retomar algum tema ou questão que ficou pendente [...] fazer avançar o diálogo, anular o silêncio, aproveitar elementos inesperados, porém relevantes, dar um giro radical se for necessário. (Arfuch, 1995, apud ANDARDE, 2008, p. 186).

Sem, entretanto, fazer da entrevistadora o centro do diálogo, ao contrário, ela precisa estar muito bem preparada para deixar falar. Além disso, a entrevista narrativa permite produzir mais detalhes, e também, “busca romper com a rigidez imposta pelas entrevistas estruturadas e gerar textos narrativos sobre as experiências vividas, que, por sua vez, nos permitem identificar as estruturas sociais [e também culturais] que moldam essas experiências.” (Weller e Otte, 2014).

---

<sup>2</sup>As Educadoras entrevistadas, optaram por manter seus verdadeiros nomes.

Marcada a primeira entrevista, combinei com a entrevistada em uma sala da escola, ao final do expediente. A entrevista superou minhas expectativas. No início era visível a ansiedade e o nervosismo de ambas, a conversa demorou a fluir, as respostas eram mais curtas e o silêncio predominava... Mas ao longo da entrevista, a entrevistada foi se soltando e eu passei a ficar mais segura e tranquila. Após finalizar esta entrevista, estava ansiosa para entrevistar minhas outras colegas, e assim, marquei uma colega para cada dia da semana.

O medo inicial de que não desse certo, a insegurança por estar me pondo no lugar de pesquisadora/entrevistadora pela primeira vez em minha graduação, transformou-se em segurança e satisfação por estar conseguindo, com êxito, atingir um dos meus objetivos na produção do material empírico. Consegui superar, então, conforme a afirmação Silveira (2002, p.194) aquilo que a entrevistadora mais teme: “[...] os silêncios, as fugas ao assunto, os subterfúgios [...] e eles acontecem tanto quanto os desvios de rota, o questionamento dos pressupostos das próprias perguntas [...]”.

Enquanto realizava as entrevistas buscava e estudava o referencial teórico que desse suporte para a realização das análises das entrevistas. Fui atrás de autores/as, artigos, trabalhos de conclusão de curso e de textos que me auxiliassem a analisar as entrevistas, e assim, segui minha escrita analítica com maior consistência teórica.

### 3. O REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Em busca de referenciais teóricos para fundamentar minhas reflexões e minha escrita, com o tempo que tive disponível para a busca, não encontrei pesquisas e textos que falavam sobre “mães-professoras/professoras-mães”. Em sites como, por exemplo, *Google Acadêmico*, *Scielo* e o site do Sistema de Automação de Bibliotecas (*SABl*), que publicam artigos, teses e dissertações, usei como palavras-chaves: “adaptação escolar”, “Educação Infantil”, “Adaptação Educação Infantil”, “professoras-mães”... Não encontrei material relacionado às minhas palavras chaves. Havia, apenas, materiais relacionados à adaptação no Ensino Fundamental, adaptação de crianças com câncer na escola. O que mais se aproximou à minha busca foi adaptação de bebês à creche (relacionando creche à educação infantil) e alguns outros na mesma relação, ainda assim em pouca quantidade.

Iniciei a busca virtual tomando como referência trabalhos publicados após o ano de 2000, entretanto, como encontrei pouca publicação deste período para cá, resolvi utilizar todos os textos anteriores ao ano de 2000 que também contribuíram, de modo efetivo, para minhas reflexões. Selecionei, portanto, um número de trabalhos e textos dos últimos 16 anos, que eu considere importante para ser acrescentado ao meu referencial teórico, localizei um total de oito trabalhos produzidos neste período. Para refinar a pesquisa, lia o resumo, a metodologia e as considerações finais. Após este segundo filtro, eu seguia para o estudo do texto, realizando sua leitura na íntegra e com profundidade, fazendo um fichamento do mesmo para discutir sobre ele durante minhas orientações com a professora Sandra.

O livro de Nancy Balaban (1988), “*O início da vida escolar – da separação à independência*”, é um clássico que não poderia ficar fora de minhas referências. Ele foi citado na maioria dos trabalhos de conclusão e artigos pesquisados. Deste livro, separei e estudei alguns capítulos, selecionados de acordo com o meu tema, que falavam sobre os sentimentos das crianças no início da vida escolar, uma análise do comportamento da criança, que na adaptação são vistos de diferentes formas.

Cada criança reage de uma maneira, de acordo com as reflexões de Balaban (1988), algumas crianças têm um comportamento que favorece a adaptação, outras

podem iniciar de forma mais tranquila, e quando as professoras e a família acreditam que a criança já esteja adaptada, a mesma passa a sentir-se insegura, ou a sentir falta da família, voltando ou iniciando o choro, por exemplo. Algumas podem apresentar comportamentos regressivos, como chupar o dedo, apresentar dificuldades na alimentação, sentir muito sono na escola, se urinar... A explicação para este tipo de comportamento na adaptação escolar é de que, para a criança, trazer elementos do seu passado seria uma forma de ter a presença da mãe e, assim, encontrar uma maneira de adquirir autoconfiança.

Outro assunto que Balaban (1988) problematiza em seu livro, é a relação das crianças com objetos que transmitem segurança. Algumas escolas, na reunião que antecede o início das aulas, sugerem às famílias que a criança no período de adaptação, leve consigo para dentro da sala de aula, algum objeto que lhe traga segurança. Se a criança tem alguma “naninha” (paninhos, ou ursos que usam para dormir), ou algum brinquedo que goste muito, que faça a criança se sentir bem, a escola recomenda que este objeto participe da adaptação. O termo que Balaban (1988) traz, citando o psiquiatra D. W. Winnicott, para “nomear” estes objetos é: “*objetos transicionais*”. Que, para a criança, podem ser objetos que lembrem a mãe, a casa, pois tem um caráter de intermediação entre o seu mundo interno e o externo. A criança passará a assimilar àquele objeto, como algo relacionado à mãe, porém, separadamente.

Aprofundando mais no meu tema, sobre a presença da família na adaptação, mais em específico sobre as mães, Balaban (1988) apresenta em seu livro, também essa relação. A contribuição da família neste processo de adaptação para ela é visível. Assim como em minhas observações, eu podia visualizar crianças com comportamentos bem diferentes: algumas se sentiam mais confortáveis no ambiente em que tinha a presença da família, enquanto que outras permaneciam retraídas. Mas após a saída da família deste ambiente, quando as crianças passavam a ficar apenas na companhia dos colegas e da professora, aparecia o choro nas duas situações.

Partindo destas observações, consegui relacionar o que Balaban (1988) apresenta, com as minhas observações, pois “essas crianças [que] se comportavam de maneira bem diferente no mesmo ambiente estranho, quando seus pais não estavam lá. [...] demonstravam a sua angústia chorando, chupando o dedo ou batendo com os pés.” Enquanto que, “com o adulto da família presente na sala as

crianças brincavam, falavam e se movimentavam satisfeitas”. (BALABAN, 1988, p.85)

O familiar que acompanha a criança no processo de adaptação, passa (ou não) segurança para a mesma. A criança acaba sendo o reflexo dos sentimentos que este adulto deixa transparecer durante o processo, ou seja, quanto mais seguro o familiar estiver da escola que escolheu, dos cuidados que a criança irá receber, da adequação daquele espaço, mais tranquila será a adaptação.

Nos demais textos estudados, como trabalhos de conclusão e artigos de revistas, pude estudar e compreender sobre a importância do acolhimento e adaptação, sobre os sentimentos e percepções do educador na adaptação escolar. Nesta busca, encontrei também no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), publicado pelo Ministério da Educação no ano de 1998. No volume 1, como já citei, há muitas informações que baseiam as concepções de criança, de educação, de instituição e do profissional. Aqui destaco elementos sobre o acolhimento da família e os primeiros dias na instituição.

O único texto que trata sobre meu tema, “professoras-mães”, é o texto de Telma Vitória e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (1993), “*Processos de adaptação na creche*”. Conforme foi fluindo a leitura, deparei com a parte em que discutia sobre estes profissionais que passam a acumular o papel de mãe ou pai com a de educador. As autoras citam como é importante trabalhar esta questão em conversas com a orientação da instituição, e assim, evitar que as mães, no caso da minha pesquisa, permaneçam no mesmo grupo em que o filho estiver.

Sondando sobre materiais para a análise do meu material empírico, encontrei muitos materiais. Mas, não teria muito tempo para me aprofundar nos mesmos. Em língua portuguesa, encontrei artigos, defesas de teses em que a entrevista narrativa se encontrava nas palavras-chaves... Mas no corpo do texto, era apenas citada como forma de obtenção de dados para a pesquisa. Nas referências dos mesmos, encontrei alguns textos que falavam a respeito da análise de narrativa ou análise de discurso, mas geralmente os textos eram em inglês.

#### **4. AS EXPERIÊNCIAS DE MÃES E PROFESSORAS DIANTE DA ADAPTAÇÃO**

O momento das entrevistas era, para mim, o mais temido. Foi meu primeiro momento como pesquisadora e o primeiro contato com as entrevistas narrativas. Temia, dentre tantos outros temores, o silêncio. Foi muito difícil lidar com o silêncio nas entrevistas. Eu não podia interferir naquele momento de recordação e reflexão em que minha entrevistada divagou. Apesar de seguir o mesmo roteiro em todas as entrevistas, cada entrevistada procedeu de maneira diferente. As reações e respostas das minhas entrevistadas foram únicas a cada entrevista. A expressão, os sussurros e risadas ocorreram em todas, mas cada uma reagiu de uma forma diferente as perguntas.

A primeira entrevistada foi a Vanessa, a conversa aconteceu em minha sala de aula. Na sequência, entrevistei a Amanda e a Ana Cássia nas salas em que trabalham, e a Grasiela foi até a minha sala. Todas as entrevistas foram realizadas ao final da tarde, após o expediente.

A primeira inquietude das entrevistadas era a questão da gravação da conversa. A primeira pergunta que as mesmas faziam, era se a entrevista precisava ser gravada. Mas, justificavam sua pergunta, explicando a timidez diante da gravação. Expliquei então, que precisaria ter a entrevista gravada, como documento analítico que pudesse ser ouvido e transcrito, lido e relido quantas vezes fossem necessárias e para que, ao mesmo tempo, não desviasse a atenção da entrevista tendo que fazer registros escritos. Para que não se sentissem constrangidas, o telefone ficava no canto da mesa, para que elas também não desviassem a atenção para o mesmo. Na primeira entrevista, as duas, eu e a entrevistada, estávamos nervosas, e conforme o assunto ia fluindo, ambas se sentiram mais confortáveis e confiantes. Senti as minhas professoras-mães, bastante à vontade. Trouxeram-me muitos relatos do processo de adaptação dos filhos, os sentimentos e as expectativas. Lembravam-se de situações que ocorreram na mesma época em que adaptavam seus filhos. Algumas vinham seguidas pelo silêncio, uma pausa ou uma tentativa de justificar alguma dificuldade passada naquele momento contado. Elas contavam com entusiasmo, muitas vezes desviando do foco das perguntas. Mas,

mesmo assim, eu dava continuidade e não interferia na fala, pois elas mesmas voltavam ao foco da questão, sem que eu precisasse intervir.

Deste roteiro, destaquei algumas perguntas relevantes para analisar as respostas. Ora questionamentos que colaborassem para responder minhas perguntas, ora questionamentos que considere fundamental, pois traziam excertos interessantes sobre o tema em questão. Assim, analisei o material coletado, tomando como referência as perguntas guia. Busquei nas narrativas das minhas entrevistadas a experiência vivida como mãe e como professora, procurando reconstruir estes momentos a fim de verificar se esta experiência acarretou em modificações nos modos de ser professora. Como elas se narraram e narraram este processo? Como elas apontam estes dois momentos? A experiência, as lições e visões como mães e como professoras.

Para que não fique tão repetitivo, às entrevistadas serão atribuídas siglas. Sendo assim, Amanda será “E1”, Ana Cássia será “E2”, Grasiela será “E3” e Vanessa será “E4”.

#### **4.1 “Conte-me sobre a adaptação de seu(s) filho(s) na escola?”**

Uma pergunta que foi, aparentemente, tranquila e respondida sem medos: “Conte-me sobre a adaptação de seu(s) filho(s) na escola: idade da criança, como era feita a adaptação, teus sentimentos como mãe, quanto tempo durou, houve dificuldades no processo de adaptação, como você lidou com estas dificuldades?”, acredito que tenha sido a que mais trouxe lembranças de fatos vividos para todas as entrevistadas.

Das entrevistadas, duas acompanharam o processo e duas precisaram que os maridos acompanhassem, devido à carga horária dos seus empregos na época, sendo que os horários mais flexíveis eram os dos maridos.

Os projetos de adaptação de cada escola, partindo dos relatos, variavam. Tanto em relação aos horários, quanto em relação ao funcionamento. A idade média das crianças ao ingressarem na escola era de 2/3 anos. Apenas o filho de E1 que ingressou com três meses na escola.

Os processos de adaptação eram diferentes de escola para escola. Na maioria, o período de adaptação durava em torno de uma semana, iniciando com o horário



reduzido, e gradativamente passando ao horário normal da escola. Em contra partida, na escola da filha da E2<sup>3</sup>, era turno integral. Assim, a adaptação durava em torno de três semanas. O grupo era dividido em dois, e na primeira semana o grupo 1 ia no turno da manhã e o grupo 2 ia no turno da tarde. Na segunda semana acontecia o inverso. E na terceira semana os dois grupos faziam um horário intermediário. Na semana seguinte, apenas quem ainda tinha dificuldades na adaptação é que tinha o horário reduzido, o restante já frequentava a escola no horário normal.

Achei muito atraente a forma como esta última escola organizou o processo de adaptação, reduzir o número de crianças para o atendimento, além de facilitar o contato da professora com as crianças, favorece uma formação de vínculos mais rapidamente e, também, favorece uma melhor interação do grupo entre si. Esta reflexão é corroborada pelas autoras Vitória e Rossetti-Ferreira quando argumentam que “é mais fácil para a criança ficar em um lugar novo quando lá estão outras crianças. [...] a criança pequena não tem ainda capacidade para interagir com várias pessoas ao mesmo tempo; interage muito melhor em díades ou tríades e se isola e retrai quando em grupos muito grandes” (VITÓRIA; ROSSETTI-FERREIRA, 1993, p.58). Além do mais, esta escola busca dar conta do que orienta o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), quando encaminha sobre o funcionamento dos períodos de turno integral:

Quando o atendimento é de período integral, é recomendável que se estabeleça um processo gradual de inserção, ampliando o tempo de permanência de maneira que a criança vá se familiarizando aos poucos com o professor, com o espaço, com a rotina e com as outras crianças com as quais irá conviver. É importante que se solicite, nos primeiros dias, e até quando se fizer necessário, a presença da mãe ou do pai ou de alguém conhecido da criança para que ela possa enfrentar o ambiente estranho junto de alguém com quem se sinta segura. (RCNEI. v.1, 1998,p. 82).

Facilitando assim, a adaptação. A criança terá tempo para adquirir confiança e formar vínculo com a professora e com os colegas. No momento em que ficar só, na companhia destes, não terá tanto estranhamento. Lembrando que cada adaptação tem seu tempo, e que não necessariamente, todas as crianças, se adaptarão no mesmo tempo e do mesmo modo, com esta organização.

---

A entrevistada E2, relatou um pouco da adaptação da filha, e da sua dificuldade em acompanhar a adaptação, em função do emprego que tinha.

E2: Eu não fiz a adaptação dela, nenhum dia eu fui, eu trabalhava o dia inteiro na coordenação de outra escola, e aí foi início de março eu tava com a adaptação de todas as outras turmas, então foi impossível de fazer. Mas ela se adaptou super bem, o Mauricio, pai dela que levava. Nunca chorou.

Ao mesmo tempo em que senti uma angústia na fala desta mãe, senti o conforto por que a falta dela no momento da adaptação, não interferiu no mesmo, já que podia contar com a presença do pai. Ela deixou claro, ao confirmar que o marido que tinha acompanhado a filha neste processo, que a confiança nele possibilitou alívio e segurança com a situação da sua ausência.

Das minhas entrevistadas, a E4 que tem duas filhas, relatou sobre estes momentos:

E4: A Julia pediu pra ir pra escola. [Foi] super bem a adaptação, duas semanas. Passada duas semanas ela começou a chorar, e não queria entrar... E eu já estava trabalhando em uma escola, quem levava era o Douglas, o pai dela. E a adaptação nas duas primeiras semanas tinha sido eu que tinha feito. Dava tchau e ela entrava. Na terceira semana, quando ele começou a levar, ela começou a chorar. Ele queria tirar ela da escola, porque ela chorava e ele ficava com o coração partido. Mas aí, a gente conversou, fazia parte! Eu tinha magistério na época...

Aqui, Vanessa me trouxe uma situação da adaptação da filha mais velha. Enquanto a adaptação foi acompanhada por ela, nas duas primeiras semanas, foi tranquila. Ao longo das semanas seguintes, que seu marido acompanhou a menina, ela começou a resistir, e não querer mais entrar na sala. Durante toda a entrevista, E4 mostrou-se sempre muito confiante e segura no processo de adaptação de suas filhas, deixou claro que desde sempre conversava com elas, e explicava o que aconteceria.

Aqui faço dois apontamentos. Primeiro, conforme observei no processo de adaptação deste ano na instituição em que trabalho, na primeira reunião com os pais, antes mesmo de iniciar as aulas, a professora pedia para que um familiar ou

adulto que a criança tivesse vínculo, a acompanhasse no período de adaptação. Mas, a professora frisava a importância de ser a mesma pessoa durante todo o processo. A criança teria aquele ponto de referência, obtendo a segurança necessária para formar vínculo com a professora e com o ambiente.

No caso da E4, este pode ter sido um dos fatores para que a filha voltasse a chorar, e a necessidade de uma nova adaptação. A criança já estava organizada com a rotina que a mãe tinha feito com ela. No momento em que o pai passou a levar, a rotina e organização mudaram, fazendo com que a criança não ficasse mais tão segura com a situação. Onde andaria a mãe? Por que ela não “quis” mais levar até a escola? Será que ela vai voltar?

Segundo, que o modo como E4 compreendia o processo de adaptação, em função dos conhecimentos adquiridos no magistério, pode ter influenciado sua facilidade para lidar com este processo. A junção das funções de professora-mãe interferiu, neste caso. O conhecimento de professora, sobre o processo de adaptação, pode ter interferido na função de mãe, que acompanha sua filha até a escola no período de adaptação. Além disso, a entrevistada destaca em sua fala a conduta da escola. Conclui-se que uma escola que faz uma boa parceria com a família e auxilia na compreensão e condução deste processo, também é fundamental.

E4: E eu lembro que eu conversava com ela, que a mamãe ia trabalhar. Eu nunca disse assim pra ela: “mamãe vai ali e já volta!”, eu dizia: “a mamãe vai trabalhar e quando a mamãe sair do trabalho a mamãe vem te buscar”. E as profes me orientavam também.

Ela acredita que essa segurança que passava para as meninas, foi fundamental. Conforme Vitória e Rossetti-Ferreira afirmam, “é preferível que a criança saiba quando os pais estão saindo, que expresse sua tristeza ou raiva e que seja consolada. Com o tempo, vai perceber que eles voltam todos os dias para pegá-la.” (1993, p. 60) Logo, a forma que a E4 lidava com esta situação com sua filha, estaria ajudando a amenizar as angústias do processo. Assim, E4, mesmo que com o coração apertado, sempre deixava clara as situações para as meninas. Ela sabia que este processo era dolorido, mas também, por sua experiência como professora, sabia que era passageiro.

A segunda adaptação experienciada pela E4 foi da filha mais nova, com 1 ano e 4 meses. Diferente da filha mais velha, esta adaptação durou cerca de 1 mês, com choro constante. E4 ainda amamentava, e já cursava Pedagogia na época.

E4: A Pietra chorou. Foi quando eu comecei a Pedagogia. Ela mamava no peito ainda... Ela chorou, chorou um mês. Os primeiros dias eu ficava com ela, umas 2/3h. Às vezes [ficava] na sala, mas sem deixar ela me ver. A Julia [a outra filha da entrevistada] tava lá ainda, em níveis separados, e a Pietra entrando. Ela chorava, mas mesmo assim eu deixava ela. Eu ia. Assim, eu tava no meu trabalho, e era o que eu queria, a gente tinha se organizado, ela tinha que se adaptar!

A segunda adaptação, segundo E4 foi mais dolorosa. Além de chorar durante um mês, ela contou que a filha não se alimentava a tarde toda, e a fazia sentar-se nas cadeiras da recepção da escolinha, para amamentá-la antes de ir embora. Algumas crianças podem usar a comida como uma forma de controle. Balaban (1988, p. 39) afirma que “As crianças com frequência demonstram sentimentos de tensão na hora do lanche ou do almoço. Tanto podem comer demais como muito pouco. A comida é, muitas vezes, uma lembrança real de casa [...]”. E, a falta ou o excesso de apetite, é também umas das formas que as crianças têm para demonstrar a perturbação no processo de adaptação. Desta forma, na segunda adaptação da E4, podemos ver outro tipo de comportamento que as crianças apresentam nos processos de adaptação, além do choro. Isso corrobora, também, minha afirmação, em outro momento, de que nenhuma adaptação é igual à outra, pois apesar de ser a mesma mãe, era outra criança. E as crianças não são um bloco homogêneo entre si, possuem características, de várias ordens, que as distinguem. A professora e os colegas também não eram os mesmos. Tudo isso nos mostra o quão complexo pode ser este momento e as questões implicadas nele.

Quando questionadas sobre o sentimento de mãe perante este processo, o incômodo era notado nas expressões de cada uma, em contrapartida, E1 trouxe um pouco da relação com as professoras do filho, da segurança que aquelas educadoras passaram.

E1: Ai é complicado, é teu filho né! Quando a gente fala de aluno é tudo muito prático, quando fala em filho...! Eu tive bastante segurança nas profes que ele pegou, então foi bem tranquilo.

Aqui, a relação da E1 com as professoras do filho, foi o fator que, segundo ela, trouxe maior segurança para dar continuidade ao processo de adaptação. Este momento se dá de acordo com sentimentos nele envolvidos, tanto da família e do aluno, quanto da professora. Deste modo, a demonstração de segurança e tranquilidade que o educador precisa passar para a família são fundamentais para que haja uma boa integração entre família/escola. Sendo esta, também uma aprendizagem desta professora-mãe em sua vida profissional.

A E4 sentiu-se aliviada por ver que sua filha estava adaptada. Foi uma escolha da família que a menina passasse a frequentar a escola. A escolha da escola e a decisão foram tomadas pelos pais e avós.

Quando a família concebe a creche como uma alternativa plenamente viável para partilhar a educação que seu filho recebe em casa, a relação entre as duas partes é muito mais fácil. Nesse caso, ao selecionar uma creche, a família busca conhecer a qualidade desse atendimento e a competência do pessoal que irá cuidar e educar seu filho.  
(VITÓRIA; ROSSETTI-FERREIRA, 1993, p.57)

#### **4.2 “Você já era professora nesta época? E como compreendia/lidava com o processo de adaptação de seus alunos?”**

Todas as entrevistadas atuavam no período de adaptação de seus filhos. Desde professoras e auxiliares a coordenadoras pedagógicas. Nenhuma, em sua primeira adaptação do filho, atuava na mesma escola que o filho estudava. No caso da E4, as filhas estudavam na mesma escola, mas não na mesma turma.

A seguir, trarei alguns excertos sobre a compreensão que as entrevistadas tinham do processo de adaptação dos seus alunos, na época de adaptação dos seus filhos.

A E1 relatou a diferença entre adaptar seus alunos e o seu filho. Apontou algumas angústias de mãe, ditas por ela.

E1: É sempre mais fácil, como te falei né, Ju. Porque é nosso filho e a gente fica com aquela coisa: “Ai meu Deus do céu e agora será que ele vai se adaptar? Vai chorar?”. Daí tu lembra: “Não, mas essa hora ele toma ‘mama’. Mas será que na escola ele vai mamar?”. Mas nós, como professora, em sala, a gente diz: “Não mãe. Pode ir que ele vai ficar tranquilo!”. Sempre é mais fácil, mas no momento que a gente passa para o outro lado, a coisa fica mais difícil.

A entrevistada E1, aponta que ser professora é mais fácil para compreender o processo de adaptação. E ela, mesmo sendo professora-mãe, demonstra suas inseguranças e medos como mãe. Ainda referindo-me ao excerto acima, as experiências durante os processos de adaptação dos seus alunos, amenizam, mas não saciam suas angústias como mãe. Mesmo sabendo os resultados dos processos de adaptação em sala de aula, ela reconhece as falas que ela como professora falará, e ainda assim, afirma os sentimentos que ela como mãe, continuará tendo.

A entrevistada E3, que teve uma adaptação tranquila do filho, e atuava em uma turma de educação infantil, aponta um novo olhar sob os alunos, diante do processo de adaptação.

E3: Ah! Teu olhar é outro. Quando eu não tinha filho eu ficava ali e tal né, e dizia assim: “Ah não! Para de chorar porque a mãe já vem!”. Aí, depois que tu tem, tu cuida um pouco mais, tu dá um pouco mais de atenção. Não que tu não esteja dando antes, mas tu fica assim, um pouquinho mais [cuidadosa]. Aí aquele prazo que a criança tem pra se adaptar, tu estende um pouco mais.

Todas afirmaram que o olhar se modifica, ele fica mais apurado. O olhar passa a ser outro, ou se vê com outros olhos as crianças e o processo de adaptação, pois o olhar e a escuta mais sensível contribui “para perceber a ansiedade, a insegurança, o medo e outros tantos sentimentos que a criança vivencia e comunica [...]” (Diesel, 2003, p.11). Embora se aprenda no Curso de Magistério ou na Graduação em Pedagogia que “[...] é necessário olhar, ouvir, ler [nossos alunos] para que se estabeleça um diálogo” (Diesel, 2003, p.11), algumas vezes, precisamos da experiência vivida, neste caso como mães, para perceber a sutileza

do que nos informa a teoria. Como citado anteriormente por Diesel (2003, p.11), o educador precisa estar atento às demonstrações dos seus alunos. Aqui, as entrevistadas costuraram a relação de ser professoras-mães com suas vivências em sala de aula e suas experiências com alunos e filhos durante este processo. Dentro de uma sala de aula, existem muitos diálogos entre professor e aluno, verbais e não verbais, “esse diálogo marca o início da troca, se organiza pelas verbalizações e pelas ações, sejam elas do educador ou da própria criança [...]” (DIESEL. 2003, p,11).

Neste caso, o olhar e a escuta necessária do professor diante de seu aluno, é também, a observação em sala. Já que “As crianças nos dizem, por meio do seu comportamento, que elas precisam da nossa ajuda [...]” (BALABAN, 1988, p.33), se repararmos no contato com o outro, nas falas, no modo de brincar, na alimentação e em outras reações, nós estaremos coletando indícios sobre o momento desta criança. Um choro, uma risada e até mesmo o silêncio, podem dizer muito sobre o momento que o aluno está vivendo, em diferentes situações na sala de aula ou até em casa.

#### **4.3 “Ser professora ajudou no processo de adaptação de seus filhos ou não fez diferença?”**

Aqui, é o momento de narrar as experiências vividas de forma mais acentuada. A experiência segundo Larrosa, “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” (2002, p. 21). Acredito que não tenha melhores palavras para definir este momento das entrevistas, pois a partir dos relatos, pude perceber o quanto as experiências que estas educadoras adquiriram ao longo de sua profissão, ajudaram-nas a amadurecer e a apurar alguns saberes e olhares.

Questionei-as se mudou alguma coisa durante o processo de adaptação de seus filhos, ter participado da adaptação de seus alunos.

E1: Me ajudou bastante na adaptação do Yago, eu ter participado da adaptação dos meus alunos. Apesar dessa insegurança no começo, me ajudou bastante pra compreender o outro lado da moeda que a gente não tá acostumada. Mas me ajudou a ter mais segurança nessa questão de saber que depois eles ficam bem, e não choram mais.

Sua experiência como professora, segundo ela, foi fundamental para lidar com a adaptação de filho. A insegurança inicial sanou após lembrar que o choro é apenas um momento passageiro e faz parte da adaptação. Podemos fazer referência a Rosetti-Ferreira, quando afirma que “É o choro da criança (...) a reação que provoca mais ansiedade nos pais e educadores.” (Vitória; Rossetti-Ferreira, 2000, apud DIESEL, 2003, p. 11). Todos se sentem incomodados com o choro de uma criança, pois ele nos parece a indicação de que algo não vai bem, mais ainda no processo de adaptação, mas nós, educadoras, sabemos que na maioria das vezes ele é breve. E esta experiência, adquirida com os anos de magistério, fez com que a E1 se tornasse mais segura.

A E2 aponta a importância desta experiência, ainda hoje.

E2: Acho que fez diferença e faz diferença ainda. Assim... Todo ano letivo faz diferença, essa participação no processo de adaptação dos meus alunos, para auxiliar na adaptação da Olivia. O olhar é outro né, eu sei! Eu digo pra ela, o que eu gostaria que os pais dos meus alunos dissessem para eles.

Retomo aqui um trecho do excerto acima: “Eu digo pra ela, o que eu gostaria que os pais dos meus alunos dissessem para eles.” Desde o início da entrevista, a entrevistada demonstrou passar sempre muita segurança e firmeza nas decisões tomadas com sua filha. Afirmou que sempre passa e explica tudo para ela, tornando suas adaptações mais tranquilas. Ela salienta a vontade de que os pais de seus alunos, falassem para eles o que ela fala pra sua filha: ser firme nas palavras e passar segurança para eles, facilitando o período de adaptação. Cada ano, cada adaptação é uma nova experiência, e isso nos acrescenta, como professoras, cada vez um pouco mais. Para a E2, as experiências de adaptação a ajuda até hoje.

A E4 faz uma analogia entre os estudos e a experiência nos processos de adaptação. O que vivenciei muito durante minha graduação na Pedagogia. Durante



o curso, pude ver a teoria e a prática lado a lado. E aqui, a entrevistada traz seu relato.

E4: Sim, fez diferença! Eu tava estudando e tava atuando, entendeu? Então eu falava, eu discutia. Se eu não fosse firme com aquilo que eu queria, não daria certo. Eu tinha essa segurança, por já estar nessa área.

Ela enfatiza a importância de estar estudando e atuando durante o processo de adaptação. A aquisição de conhecimentos especializados, ao ingressar na graduação em Pedagogia, tornou mais efetiva a adaptação de suas filhas.

Vitória e Rosseti-Ferreira (1993), apontam em sua pesquisa, que é comum a educadoras que possuem filhos na mesma instituição em que trabalham, ter dificuldades em conseguir separar estas duas funções. “Tal família sempre terá maiores dificuldades em reconhecer os momentos em que o lado profissional deve ‘falar mais alto’ daqueles em que o seu maior envolvimento afetivo pode e deve se expressar em relação ao próprio filho.” (VITÓRIA; ROSSETTI-FERREIRA, 1993, p. 61). Durante a entrevista e em especial nesta pergunta, após escutar inúmeras vezes, retirar excertos significantes, e analisar o que foi dito por minhas colegas, pude perceber como a relação professora-mãe é forte para estas mulheres.

Ao longo das entrevistas, entre uma questão e outra, entre um relato e outro, surgia a pergunta “como mãe, ou como professora?”. Na maioria das vezes, deixava por conta delas. Deixava que elas escolhessem se queriam responder como mães ou como professoras, e neste momento, prevaleciam as respostas como professoras. Após sua narrativa inicial, eu retomava o questionamento, pedindo que naquele momento falassem então, como mães. Acredito que dominavam as respostas como professoras, pois respondiam o que imaginavam que a pesquisadora queria ouvir já que era para um trabalho de conclusão de curso em Pedagogia.

Mas, em momento algum, senti algum tipo de confusão ou mistura diante dos papéis de mãe e professora. Hoje, essas professoras-mães trabalham na mesma instituição em que os filhos estudam, e a maioria no mesmo ambiente: o da educação infantil. Muitas vezes cruzam-se nos corredores, ou participam do momento do pátio juntos. Pude observar alguns destes momentos, e enquanto professoras, por estarem em horário de trabalho e buscarem estabelecer o

distanciamento entre sua identidade mãe e a de professora, não intervinham em nada. Deixavam por conta das professoras de seus filhos resolver qualquer situação, fossem elas de conflito, de comunicação ou de interferência.

Notei que ali existia um “botão imaginário”, que desligava no momento em que entregava seu filho na porta da sala, e ligava no momento de ir embora da escola. O conflito interno nestas mães parecia não existir, ou ficava bem camuflado por seu profissionalismo. Mas também, por serem professoras, sabiam a importância de deixar que aquele momento acontecesse sem suas interferências como mães. Elas não interferindo, deixariam clara a separação dos espaços e funções também para seus filhos. Naquele momento elas eram funcionárias/professoras da escola, e seus filhos também precisavam entender isso.

Agora, a questão pedia uma inversão de papéis, antes era uma visão de mãe a partir das experiências como professora. Agora eu tinha interesse em saber da visão de professora, a partir das experiências como mãe nestes processos de adaptação.

A E1 refletiu sobre se colocar no lugar das mães.

E1: Mudou, mudou porque como a gente se coloca no papel do outro a gente vê também como as mães se sentem.

Por já ter presenciado um momento de adaptação com seu filho, a E1 pôde relembrar suas angústias e temores e colocar-se no lugar das mães de seus alunos.

A E3 acredita que não houve interferências neste sentido, pois a adaptação do seu filho foi tranquila. Na questão anterior, ela afirmou que fez diferença para ela suas experiências de professora, para com o processo de adaptação do seu filho como mãe.

E3: Eu acho que... Na verdade eu sempre fiz a mesma coisa. Tem crianças que choram mais, outras choram menos, outras que tu vê que é “manha”. Tu sabe que a criança vai ficar. Isso partiu de mim, como a adaptação dele foi tranquila eu não considero como parâmetro.

A entrevistada E4, relatou sobre uma aluna que teve uma adaptação mais longa no início do ano letivo de 2016 e que os procedimentos que buscou para ajudá-la estavam ancorados nas recordações do processo de adaptação de suas

filhas. Ela acabou comparando e lembrando os momentos que passara com suas filhas na adaptação e como estes mudaram sua percepção como professora. A insegurança, os medos, o choro da sua aluna, remetia ao que já havia passado com suas filhas. Ela relatou que procurava agir com a aluna, como tinha agido com suas filhas, já que as meninas tinham tido uma adaptação tranquila.

E4: Sim. Fui muito paciente, sempre. Eu me lembro delas assim, sabe. Eu converso com meus alunos, eu digo: “A mãe foi trabalhar, e depois vem buscar!”. Eu sempre passei segurança pra eles, que a profe estava ali, que profe ia ajudar eles no que eles precisassem. Tu tens um olhar diferente, também. A gente se coloca no lugar, até daquela mãe que precisa deixá-los ali, para trabalhar.

#### **4.4 “O que você considera fundamental para que este processo seja o mais tranquilo possível?”**

Nesta altura da entrevista, todas as entrevistadas apostaram na questão da segurança. A segurança que elas como mães, precisam sentir e passar para os filhos. A segurança que a instituição/professora precisa passar para elas e para as crianças. Deixaram claro, como os sentimentos da família, das mães, ou pais que acompanham seus filhos no processo de adaptação, são um espelho para a criança. O que o adulto estiver sentindo, vai transferir para o filho.

E1: Fundamental? Fundamental é a gente ter segurança na professora, o momento que a gente tem segurança na professora tudo flui. Na verdade, a profe é o ambiente.

A E1 acredita na relação com a professora. Já afirmava Knüppe que “Outro fato muito importante que pode gerar inadaptção escolar na criança é a insegurança dos pais com relação à professora. Esta insegurança é passada para a criança de uma forma despercebida.” (2006, p.5). Esta insegurança pode gerar angústias nestes familiares e estes sentimentos são sentidos pelos filhos. Quando os familiares não se sentem seguros ao dar tchau, ou não conseguem passar para o filho que àquele espaço da escola é um ambiente bom, que trará boas experiências

e momentos a ele, a criança consegue perceber a incerteza. Os pais e as mães, geralmente, são vistos pelos filhos como lugar da proteção, como referência.

O excerto da E2 reforça o que venho indicando:

E2: A segurança dos pais. Temos que passar segurança pra ela, que vai ser tudo ótimo, por mais que não seja. Então, se os pais confiarem, eu acho que vai tranquilo. Tem que falar: “Tu vai ir, vai ser bom. Tchau que eu tenho que fazer minhas coisas.”.

Além de trazer a questão da segurança dos pais, as entrevistadas E3 e E4 trouxeram em suas entrevistas a importância das professoras envolvidas no processo de adaptação.

E3: [silêncio] Eu acho que as professoras: professora e auxiliar. Enfim, elas têm que estar dispostas a fazer, porque não adianta eu estar ali: “Ah tá! Vamos adaptar.” E depois: “Não aguento mais esse guri chorando”, e não fazer nada para o “guri” parar de chorar. Então eu acho que é isso. Os pais também tem que colaborar um pouquinho tem que ser um pouco mais firmes com a decisão. Não aquela coisa: “Ai fica ai ta filinho... Ai tá, então fica aqui um pouquinho mais com a mãe”. Não pode. Tem que ser firme, se é fica aí, é fica ai. Vira as costas e sai. Vai doer? Vai!

E4: Eu acho assim, sempre falar a verdade e passar segurança. Eu tenho que estar segura para o meu filho estar seguro. Tenho que saber bem o que quero. Meu objetivo é colocar ele na escola, que eu preciso trabalhar, preciso estudar né? E a família tem que estar bem decidida na decisão, a família toda. Tem que estar organizada. Acho que a mesma coisa, a segurança que a profe tem que passar, e a paciência. Saber lidar com essa adaptação, que vai ter choro, vai ter ponta pé. É um processo que às vezes acaba mais rápido, às vezes não... Mas acaba.

Reconhecer que os pais são as pessoas que mais conhecem as crianças e que entendem muito sobre como cuidá-las pode facilitar o relacionamento. É preciso estabelecer uma relação de confiança com as famílias, deixando claro que o objetivo é a pereceria de cuidados e educação visando ao bem estar da criança. (RCNEI, vol. 1, 1998, p. 80)

A relação das professoras durante o processo de adaptação também é complicado. Os educadores também sofrem durante este processo. Os professores podem se deparar com pais que parecem ser mais impulsivos e ao mesmo tempo com pais que parecem ser mais desligados. Os professores também têm angústias e inseguranças durante o processo, já que “Não há nada de incomum no fato dos professores terem os mesmo sentimentos de preocupação e desconforto que as crianças e os pais estão tendo.” (Balaban, 1988, p. 23).

Quando perguntei em relação às dificuldades que apareciam nos processos de adaptação, as entrevistadas se posicionaram da mesma forma. Assim como já tinha surgido nas questões anteriores, a relação da família, dos pais e das mães diante da adaptação dos filhos. Já afirmava Diesel que “possibilitar que a criança saia para o mundo é um processo que primeiro precisa ser assimilado e elaborado pelos pais [...]” (2003, p.10), pois muitas vezes a família cria uma “redoma de vidro” diante da criança. A criança acaba não convivendo com outras crianças e outras pessoas que não façam parte da família. Isto sem dúvidas prejudica em momentos como o processo de adaptação.

Da mesma forma em que “os pais devem estar preparados para estes primeiros dias, pois eles podem trazer insegurança e gerar angústias aos seus filhos, prejudicando o período inicial à escola”, é muito importante também, que “[...] o professor oriente e deixe claro qual o objetivo do período de adaptação e o seu significado. Deve demonstrar segurança, tranquilidade e afetividade [...]”. (KNÜPPE. 2006, p.6).

## 5. ENTENDENDO O “SER” PROFESSORA-MÃE

Ao longo de quatro anos trabalhando na educação infantil, presenciei muitas adaptações. Desde as mais breves até as mais longas. Cada uma com suas particularidades, mas de forma geral, observava como a relação aluno x família interferia neste processo. Observava crianças com as mais diferentes reações durante o processo de adaptação.

A pesquisa foi pensada pelo interesse em melhor entender a situação professora e mãe ou mãe e professora na relação com o processo de adaptação, nos espaços da Educação Infantil.

Ao finalizar minha pesquisa, acredito que consegui dar conta, em alguma medida, dos objetivos iniciais propostos, conseguindo responder minha questão central. Ao problematizar a questão de ser professora-mãe, partindo das minhas experiências em sala de aula, e analisando as entrevistas das profissionais professoras-mães entrevistadas, pude concluir que sim, ser professora-mãe, interfere na compreensão e na relação com os processos de adaptação das crianças na educação infantil.

Comparando as adaptações observadas por mim com os relatos das adaptações das minhas colegas, pude concluir que a experiência de ser mãe produz novas experiências de professora. Ser professora-mãe pode aguçar a compreensão, modificar a sensibilidade, trazer mais segurança e favorecer um melhor entendimento deste processo tão doloroso para algumas famílias. Ouvi relatos de como o olhar se modifica diante desta situação. Como passaram a compreender melhor o aluno que tem dificuldades em se separar da mãe, e a mãe que tem dificuldade em se separar do filho. Ao mesmo tempo, como foi importante estar dentro de sala de aula para conseguir enxergar a adaptação dos seus filhos de forma diferenciada e passar segurança para eles.

Segurança. Palavra que apareceu muito durante a pesquisa. Considerada fundamental para todos os envolvidos nos processos de adaptação das crianças da educação infantil, descrito tanto nas narrativas das entrevistadas, como nos textos das pesquisadoras aqui utilizadas. É necessário que elas, enquanto mães, sintam-se seguras para passar essa segurança para os filhos. Da mesma forma, que é necessário que elas, enquanto professoras, sintam-se seguras, para passar essa

segurança tanto para as crianças, quanto para os familiares dos seus alunos, para que estes façam o mesmo com seus filhos. Pude compreender também, o tamanho da importância da união entre escola e família. Esta cumplicidade deve iniciar antes mesmo do aluno entrar em sala, nas primeiras entrevistas e reuniões. A relação professora x família e/ou professora x mãe é essencial para que ocorra uma adaptação tranquila.

Gostaria de ter analisado outros assuntos pertinentes que foram surgindo ao longo da pesquisa, e me deixaram intrigada, mas por falta de tempo, não foi possível. A questão do gênero, por exemplo. Sempre que as escolas se posicionam em relação aos responsáveis pela criança, referem-se aos pais. Durante toda minha pesquisa, entretanto, nos textos estudados, eu lia muito sobre as mães que acompanhavam seus filhos à escola, as mães que acompanhavam seus filhos durante processo de adaptação. Em minha observação da turma de nível 1 (3 a 4 anos) neste primeiro semestre, também foram as mães que fizeram a adaptação. Das 4 entrevistadas, só uma mãe não participou em nenhum momento da adaptação da filha. Ou seja, nos materiais consultados, incluindo as entrevistas analisadas, eu encontrei duas situações em que o pai acompanhou este processo. Não vemos circulares ou “bilhetes” da escola, encaminhados para casa, destinados à família, que englobaria não só a mães e pais, mas também a tios, tias, avós... Que em muitos casos são quem acompanham essas crianças, quando a mãe ou o pai não podem.

Outro assunto que gostaria de ter desenvolvido, é a questão das mães precisarem acompanhar seus filhos durante o processo de adaptação e não terem uma liberação de seus trabalhos garantida “por lei”, para isto. E quando a adaptação dura mais de uma semana? E na primeira semana de adaptação em que os horários são reduzidos? Essas mães fazem o que com seus filhos e com seus trabalhos?

Foram assuntos que foram surgindo ao longo da pesquisa e que, quem sabe, eu dê continuidade e busque novas e outras respostas em um outro momento da minha formação como Pedagoga.

Ter participado de forma tão intensa desta pesquisa, conhecer e estudar relatos tão significantes das minhas colegas foi gratificante tanto para minha formação pessoal quanto profissional. A busca por novos referenciais, o conhecimento adquirido de novos termos ao longo da pesquisa, a necessidade de ter deixado a timidez de lado para fazer funcionar a metodologia para produção dos

dados, foram experiências que fizeram com que minha pesquisa se tornasse muito mais significativa para a finalização da minha graduação em Pedagogia.



## REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. *La entrevista, una invención dialógica*, 1995. In: ANDRADE, S. S. **A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas**. Porto Alegre, 2008. p.186.
- BALABAN, Nancy. **O início da vida escolar: da separação à independência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil — Brasília: MEC/SEF, 1998, 1 v. II.**
- DIESEL, Marlete. **Adaptação Escolar: Sentimentos e percepções do educador diante da questão**. Revista do professor. Porto Alegre, v.19, p. 10-13, abr./jun. 2003.
- KNÜPPE, Cíntia. **Adaptação Escolar: Cuidados necessários para ajudar a criança na etapa de transição**. Revista do professor. Porto Alegre, v. 22, p. 5 - 6, jan./mar. 2006.
- LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, Jan./Fev./Mar./Abr. 2002
- MUYLAERT, Camila Junqueira. **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa**. Rev. esc. enferm. São Paulo USP v.48, n. 2, p. 193 – 199. Dez./2014
- SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org.). A Entrevista na pesquisa em educação - uma arena de significados. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II**. Porto Alegre: Lamparina, 2002. p. 120 - 141.
- ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; VITÓRIA, Telma. **Processos de Adaptação na creche**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 86, n. 1, p.55-64, ago. 1993.
- VITÓRIA, Telma; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. *Processos de adaptação na creche*,1993. In: Diesel, Marlete. **Adaptação Escolar: Sentimentos e percepções do educador diante da questão**. Revista do professor. Porto Alegre, v.19, 2003, p.11.
- WELLER, Wivian; OTTE, Janete. **Análise de narrativas segundo o método documentário: Exemplificação a partir de um estudo com gestoras de instituições públicas**. *Civitas*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 325 - 340, maio/ago. 2014.

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadora responsável a aluna de graduação JULIANA GARSKE ALVES, do curso de PEDAGOGIA da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que pode ser contatado pelo e-mail julianagalves@hotmail.com e pelo telefone (51) 8421-8014. A orientadora responsável é a professora Sandra dos Santos Andrade, telefone 93285697, da Faculdade de Educação/UFRGS. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com as educadoras, visando, por parte da referida aluna a realização de um trabalho de conclusão de curso, cujo tema é *“Ser professora-mãe, modifica ou interfere na compreensão e na relação com os processos de adaptação das crianças na Educação Infantil?”*.

. Como objetivo principal, analisar as entrevistas e refletir sobre os diferentes atravessamentos que modificam ou interferem na relação das professoras-mães no processo de adaptação das crianças na Educação Infantil. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e posteriormente transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos serão divulgados preservando completamente o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

---

Assinatura

Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

## **APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**

### **ROTEIRO PARA ENTREVISTA NARRATIVA**

- 1)** Quanto filhos tens?
- 2)** Me conte sobre a adaptação de seu(s) filho(s) na escola: (idade da crianças, qual a escola, como era feita a adaptação, sentimentos da mãe, quanto tempo durou, houve dificuldades no processo de adaptação, como você lidou com estas dificuldades...)
- 3)** Você já era professora nesta época? Onde? Em que nível? E como via/compreendia/lidava com o processo de adaptação de seus alunos na época?
- 4)** Ser professora ajudou no processo de adaptação de seus filhos ou não fez diferença? Por quê?
- 5)** Como você avalia este momento hoje?
- 6)** Ter passado pela experiência da adaptação dos filhos mudou seu modo de lidar com a adaptação dos seus alunos?
- 7)** O que você considera fundamental para que este processo seja o mais tranquilo possível?
- 8)** Quando as dificuldade de adaptação aparecem, geralmente, você acha que o problema está onde ou no quê?
- 9)** “Ser professora-mãe, modifica ou interfere na compreensão e na relação com os processos de adaptação das crianças na Educação Infantil?”